

Carta Convite

O obsceno tem todas as qualidades do intervalo oculto.

É tão vasto como o próprio Inconsciente e tão amorfó
e fluido como a própria matéria do Inconsciente.

HENRY MILLER

O obsceno, em sua natureza esquiva, transita entre expressões artísticas e saberes diversos sem quedar-se, com frequência deslizando para as noções de erotismo, pornografia, perversão ou moralidade. Conceitualmente, o termo não pertence ao léxico ou ao corpo teórico da psicanálise, mas tampouco lhes é estranho. O obsceno parece antes se oferecer como um território de fronteiras, propício a interlocuções entre a psicanálise e outras formações da cultura.

A antropologia e a história dos costumes evidenciam que nada é inherentemente obsceno, assumindo formas diversas conforme o contexto. Em resposta à proibição de uma de suas obras, Henry Miller (1945/2004) argumentou não ser possível “encontrar a obscenidade em qualquer livro ou em qualquer quadro, pois ela é tão somente uma qualidade do espírito daquele que lê, ou daquele que olha”. Haveria, nesse caso, uma qualidade especular no obsceno, revelando nossos próprios segredos ocultos e desejos de transgressão, sejam estes individuais ou coletivos? Enquanto elemento permanente da vida social humana, o obsceno não cessa de nos interrogar.

A raiz etimológica de *obscenus* remete a algo ofensivo, desonesto, ou que fere o pudor. Freud (1905/2017) observou nos chistes obscenos, além da expressão da sexualidade infantil, uma intenção de provocar vergonha e constrangimento na pessoa à qual se dirige, desnudando-a por meio da evocação imaginativa. Na mesma linha, Stoller (1985/1998) postula como uma das funções da obscenidade a união entre excitação e violência, uma conjunção entre erotismo e ódio.

No entanto, o obsceno pode ser igualmente compreendido como ob-scaenam, aquilo que se encontra fora da cena. A outra cena, que irrompe inadvertidamente à cena principal, ou a “cena outra” que silenciosamente lhe dá sustentação. Baudrillard (2001) reconheceu como marca da obscenidade a ruptura dessa distinção entre a cena e aquilo que, supostamente, deveria encontrar-se fora dela, instaurando uma situação de visibilidade total. Concepção que parece tornar-se cada vez mais atual, em um mundo no qual tudo deve ser conhecido, experimentado, registrado e, por que não, acessado online.

E quanto ao psicanalista, por quais vias a função interrogante do obsceno o alcança? Haveria obscenidade no anseio por tudo desvelar, tudo interpretar, recusando, assim, o jogo de luz e sombras que cada encontro promove?

Inaugurando a nova gestão editorial da IDE, convidamos todos os colegas e colaboradores a explorar o tema em suas múltiplas facetas. Os trabalhos devem ser encaminhados para fabiana.santos@sbpsp.org.br até o dia 01/03/2025. Lembramos que a IDE também aceita, em caráter permanente, o envio de artigos de tema livre e resenhas. As orientações aos autores se encontram nas páginas finais da revista e no site da SBPSP.

■
Alexandre Socha (EDITOR)
Alessandra Susie Quesado Nicoletti
Bruna Paola Zerbinatti
Gilca Zlochevsky
Pedro Ernesto de Souza Sang
Rita Andréa Alcântara de Mello
COMISSÃO EDITORIAL

Referências

- Baudrillard, J. (2001) *Senhas*, Difel.
- Freud, S. (2017) O chiste e sua relação com o inconsciente. In *Obras completas, vol. 7*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Miller, H. (2004) *Obscenidade e reflexão*. Nova Vega. (Trabalho original publicado em 1945)
- Stoller, R. (1998) *Observando a imaginação erótica*. Imago. (Trabalho original publicado em 1985)

DOI
10.5935/0101-3106.v47n79.02